

Quanto custa ler um *e-book*? Reflexões sobre o acesso à leitura na era da hipermodernidade

How much does it cost to read an e-book? Thoughts on the access to reading in the age of hypermodernity

Fabiana Kaodoinski

João Cláudio Arendt

Universidade de Caxias do Sul – UCS – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: Ao longo da história da escrita, ocorreram inovações na textualidade, a qual abarca, hoje, múltiplas linguagens e mídias. Diante da diversidade de produções discursivas materializadas, sejam impressas ou virtuais, pretendemos avaliar o comportamento do leitor que emerge em um contexto marcado pela hipermodernidade, conforme conceito de Lipovetsky (2005), e pelas relações líquidas, segundo definição de Bauman (2009). Além disso, levando em conta as possibilidades de acesso dos leitores à internet, objetivamos questionar as condições atuais para a promoção da leitura, bem como problematizar a capacidade de os novos suportes gerarem impactos positivos sobre o ato de ler. A partir da pesquisa bibliográfica, percebemos que o leitor atual é mais participativo, recriando textos lidos e tecendo comentários sobre eles. Porém, com o excesso de informações disponíveis na rede, ele pode ter dificuldades de selecionar leituras ou de aprofundá-las. Notamos, também, com base na análise de pesquisas de diferentes institutos, que a democratização dos livros e da leitura por meio das novas tecnologias ainda não se efetivou.

Palavras-chave: Leitor. Leitura. Acesso ao livro. Cibercultura.

Abstract: Throughout the history of writing an innovation in textuality occurred, which embraces, today, multiple languages and media. In face of the diversity of discursive productions materialized, be them on print or virtual, we intend to evaluate the behavior of the reader that emerges in a context marked by hypermodernity, as conceived by Lipovetsky (2005), and by liquid relations, according to Bauman's (2009) definition. Besides that, taking into account the possibilities of internet access by readers, we aim to question current conditions for reading promotion, as well as to problematize the capacity of new supports to generate positive impacts for the promotion of the act of reading. From bibliographical research, we noticed that the modern reader is more participatory, recreating read texts and weaving comments on them. But, with the excess of information available on the web, one can have difficulty to select readings and deepen them. We noted, also, based on the analysis of researches of different institutes, that the democratization of books and reading by new technologies is yet to be made effective.

Keywords: Reader. Reading. Access to book. Cyberculture.

1 Introdução

A impressão de textos, a partir da invenção da prensa de tipos móveis por Gutenberg, no século XVI, possibilitou registrar a fala e transmitir mensagens com maior facilidade, tornando mais baixo o custo de confecção de livros. Instituiu-se, também, um primeiro caminho para a socialização e para a ampliação do ato de ler. Todavia, a materialidade dos textos resultou na elitização da leitura, já que, conforme Chartier (1992), a adaptação e a simplificação de originais era realizada, na época da Contra-Reforma, para torná-los adequados aos preceitos católicos (retiravam-se blasfêmias, por exemplo), bem como para deixá-los supostamente mais compreensíveis a leitores iniciantes.

Essa também foi uma estratégia utilizada pelas editoras para atrair compradores para seus produtos. O problema é que ela gerou uma diferença significativa entre a leitura realizada pela elite e aquela feita por quem não podia comprar um livro de qualidade, ou não era plenamente letrado. O leitor ainda rudimentar tinha à disposição, basicamente, material de qualidade duvidosa (sem algumas partes importantes, com erros de impressão e outras incoerências), sendo que os mais abastados contavam com exemplares integrais, tendo condições e experiência leitora suficiente para interpretar os textos na sua totalidade. Diante disso, pode-se deduzir que, naquela época, o advento da impressão, mesmo que tenha sido revolucionário por tornar mais democráticos o livro e a leitura, não deu conta de colocá-lo à disposição de todos.

Quase 500 anos depois, outra revolução na leitura e na escrita ocorreu com o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Com elas, as informações passaram a ter novas formas de organização e de divulgação: os suportes digitais permitiram navegação ágil e mixagem de elementos, alargando a noção de texto para hipertexto, conforme explica Lévy (1996):

O hipertexto seria constituído de nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e de ligação entre esses nós (referências, notas, indicadores, "botões" que efetuam a

passagem de um nó a outro). A leitura de uma enciclopédia clássica já é de tipo hipertextual, uma vez que utiliza as ferramentas de orientação que são os dicionários, léxicos, índices, thesaurus, atlas, quadros de sinais, sumários e remissões ao final dos artigos. No entanto, o suporte digital apresenta uma diferença considerável em relação aos hipertextos anteriores à informática: a pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação, de passagem de um nó a outro, fazem-se nele com grande rapidez, da ordem de segundos. Por outro lado, a digitalização permite associar na mesma mídia e mixar finamente os sons, as imagens animadas e os textos. Segundo essa primeira abordagem, o hipertexto digital seria portanto definido como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e "intuitiva" (LÉVY, 1996, p.44)

O hipertexto da era digital, conforme Lévy, situa-se no âmbito das mudanças propiciadas pelo ciberespaço, o qual se caracteriza por ser um "novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores" (1999, p. 17). Ele está inserido no contexto da cibercultura, entendida por esse autor como "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (LEVY, 1999, p. 17).

Dessa mudança cultural proporcionada pelos novos suportes e meios de comunicação, emergem alguns questionamentos que pretendemos responder neste trabalho: a revolução tecnológica que a sociedade está experimentando amplia positivamente os modos e possibilidades de leitura? Ela realmente transforma o leitor? Com o advento da internet, houve uma democratização da leitura ou está ocorrendo uma repetição da história, no sentido de que a nova materialidade, a exemplo dos livros impressos, é acessada de forma desigual pela população? Afinal, quanto custa ler um *e-book*?

Para discutir essa temática, na seção 2, serão mapeadas algumas mudanças ocorridas em relação aos suportes de leitura e às formas de ler. Além disso, serão avaliados o comportamento e a constituição do leitor diante das contingências culturais da atualidade, de modo a fornecer elementos teóricos capazes de sustentar as

considerações a serem feitas. Na sequência, a seção 3 tratará do acesso a suportes virtuais para ler e de condições materiais para a promoção da leitura. Em seguida, teceremos as considerações sobre o tema em questão.

Nessa perspectiva, acreditamos que refletir e pesquisar sobre essas questões justifica-se pelo fato de os elementos teóricos levantados e as análises realizadas fornecerem subsídios tanto para compreender melhor as mudanças relacionadas à leitura e à escrita na atualidade, quanto para redirecionar as políticas de incentivo ao livro e à leitura, bem como as de acesso à tecnologia e à internet.

2 Mudanças nos suportes, nas formas de ler e na constituição do leitor: uma nova cultura

Comparando algumas formas de registro da escrita ao longo da história, tanto do Oriente quanto do Ocidente, Chartier (1998) destaca que surgiram diferentes modos de organizar e de estruturar textos em pergaminhos, em livros escritos à mão, em materiais impressos e, por fim, em *e-books*. Nessa evolução dos suportes de escrita, o modo de manusear o texto para ler sofreu significativas modificações. Vale destacar, também, que, em materiais impressos, prevaleceu uma leitura com fronteiras mais delimitadas. Já os artefatos eletrônicos possibilitaram escolher a sequência textual e a continuidade da leitura. Em outras palavras, “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, assim como nas maneiras de ler” (CHARTIER, 1998, p.13).

Chartier (1992) ainda acrescenta que a maneira como o texto se materializa ao leitor interfere na forma de compreendê-lo. Nesse sentido, acreditamos que, se os gêneros e os suportes para ler mudam, o leitor também modifica sua relação com o texto, interagindo de outros modos com os novos formatos, possibilitados pela ascensão da tecnologia no contexto da cibercultura e pela interação com as mídias. Diferentemente do texto impresso, em que, na

leitura, predominam a grafia e as imagens, no ciberespaço, pode-se, ao navegar pelas páginas, ler integrando texto, vídeo, áudio e imagem. Até mesmo imitações gráficas dão a impressão ao leitor de que ele está virando a folha em um *e-book*, como se costuma fazer no livro impresso (DOMINGOS, 2015).

O surgimento de canais de comunicação capazes de mediar a relação entre produtores e leitores, além de fomentar um ambiente mais participativo, rompeu a articulação das fronteiras que delimitavam os papéis de quem produzia e de quem consumia o produto. Nas palavras de Domingos (2015, p. 57, grifos nossos), “quando se torna visível – ativo –, o consumidor transforma-se em *prosumidor*; e o leitor, quando resolve teclar em resposta a suas leituras, transforma-se num *escreiteiro*”, ou seja, o leitor também pode ser escritor. Conforme essa mesma autora, *escreiteiro* é um:

[...] termo que eu utilizo para designar o leitor que escreve a partir do texto que lê. O *escreiteiro* abrange, assim, fanficcers, fanartistas, blogueiros e todos aqueles que escrevem “interpretando” e/ou “intermediando” textos, objetos de sua leitura. Ao mesmo tempo, ele pode ser, e geralmente é, um hiperleitor (DOMINGOS, 2015, p. 57).

Esse comportamento do *escreiteiro* é característico da “cultura participativa”, conforme conceito de Jenkins (2009), em que leitores e fãs de certas obras produzem e divulgam conteúdos. Assim, envolvem-se de forma ativa com os textos lidos e com os temas de seu interesse, interpretando-os, replicando-os, debatendo-os e até reinventando-os (como é o caso das *fanfictions*). Essa atitude é fomentada pela “cultura da convergência” (JENKINS, 2009), na qual variados e simultâneos sistemas midiáticos possibilitam, de modo fluido, o trânsito de conteúdos.

Nesse âmbito, percebe-se que os *escreiteiros*, em sites, jornais, blogs e até mesmo nas redes sociais, podem recriar textos ou escrever a seus pares comentários a respeito das leituras, utilizando uma linguagem peculiar, típica do grupo do qual fazem parte, ou que esteja de acordo com o nível de conhecimento e com as expectativas de seus interlocutores. Muitas vezes, conseguem, com suas intervenções, influenciar ações, como, por exemplo,

chamar a atenção da sociedade em relação a problemas sociais; em alguns casos, geram conteúdos que carecem de aprofundamento; podem, também, deixar o leitor em dúvida sobre a autoria do que escrevem.

Sobre esse aspecto, Pellanda (2009) afirma ser possível recriar um texto durante a leitura. Esse processo cognitivo, ancorando-se na complexidade¹, é perturbador da subjetividade, ou seja, possibilita que os sujeitos, além de construírem conhecimentos, reinventem-se. Assim, a autora situa a leitura, inclusive a digital, e suas releituras (englobando nesse caso a ação dos *escreitores*) como constitutivas do ser humano. Sobre os leitores no âmbito virtual, ela enfatiza que:

A partir dos seus blogs, ou mais especificamente, de algum tema de interesse por eles narrado, criam *hiperlinks* que os levam a navegar na Internet. Visitam diferentes sites e, ao fazer isso, vão praticando leituras não-lineares. Quando voltam aos seus *Blogs*, já não são mais os mesmos, pela complexificação evidente que aparece nos textos que passam a exibir emoções, conexões e informações (PELLANDA, 2009, p. 95).

Nessa perspectiva, outro fator a considerar é o advento de um leitor virtual, que, clicando em *links* e ícones, redireciona a leitura, criando percursos que não têm a linearidade e a continuidade apresentadas ao ler materiais impressos. Nesse caso, há a leitura hipertextual (LÉVY, 1996). Notamos que o hipertexto possibilita uma forma de navegar mais interativa, em que o leitor pode ir e vir com mais rapidez, fato que mobiliza outra forma de cognição, conduzindo-o a diferentes modos de percepção e de processamento do conteúdo.

Sobre isso, Pellanda (2009) afirma que a interatividade de mídias viabiliza a construção de novos significados ao ato de ler. A autora destaca também as práticas de hiperleitura, relacionando-as a alguns comportamentos do leitor: ele constrói o

conhecimento de forma simultânea, integrando imagens, vídeos, mapas, sons; elabora interpretações a partir de leituras e de análises realizadas na rede; lê e escreve de forma fragmentada ao navegar na internet.

Diante disso, questionamos se essa leitura mais fragmentária pode tender à superficialidade no acesso às informações ou se é ferramenta para o estabelecimento de variadas relações entre os materiais lidos.

2.1 Leitura, leitor e textualidades no contexto atual cultural

As mudanças ocorridas em vários âmbitos, na contemporaneidade, especialmente aquelas ligados à cultura e às relações sociais, tiveram impactos fortes nas formas de ler e escrever. Para entender mais sobre esses processos, destacamos as considerações de Mattos, Vebber e Santos:

Num contexto de globalização, de pós-modernidade, de desterritorialização, de efemeridade, de fragmentação, de fluxo intenso de informações, observamos que os novos meios de comunicação e tecnologias produzem novas possibilidades de comunicação e expressão cultural, e principalmente modificações nas maneiras de viver a vida e estar no mundo (MATTOS; VEBER; SANTOS, 2015, p. 225).

Partindo dessa contextualização ligada à cultura, podemos refletir sobre a produção textual na “hipermodernidade”. Esse termo, criado por Lipovetsky (2005), indica uma mudança de percepção da realidade em relação à noção de modernidade. Para o autor, a hipermodernidade não supera a modernidade; ela representa a exacerbação dos conceitos, das características e das práticas modernas.

Na hipermodernidade, as pessoas têm acesso à informação e a várias possibilidades (de escolher o que consumir, de tendências a seguir, por exemplo), arquitetadas pela sociedade de consumo para a satisfação pessoal. Essa “oferta infinita” organiza o processo de “sedução” com uma ideia de “personalização” dos desejos, a qual interfere na

¹A autora entende a complexidade a partir de postulados de autores como Edgar Morin, Atlan, Humberto Maturana e Francisco Varela. Para Pellanda (2009, p. 93), “o processo de ler envolve uma dinâmica complexa, porque é perturbação constante, levando a conseqüentes reconfigurações que se desdobram, mostrando o princípio da auto-organização sempre atuante”.

organização da produção (LIPOVETSKY, 2005, p. 03).

O mercado editorial, nessa perspectiva, acompanhando a dinâmica hipercapitalista e hipermediática, apresenta, a todo momento, novos títulos de livros. Na internet, *e-books* são lançados. Ao mesmo tempo, surge uma multiplicidade de blogs com os mais diversos conteúdos. Essa intensificação pode ter várias implicações, uma das quais é a dificuldade de o leitor processar as informações que chegam até ele e, assim, selecionar leituras adequadas à sua formação pessoal e profissional.

Além disso, a sociedade sob o signo do “hiper” defronta-se com o excesso de interação. Disso, segundo Lipovetsky (2005), resultaria a superficialidade. O *escreitor*, por exemplo, pode deparar-se com muitos textos na rede mundial de computadores e sentir-se convidado a comentar, envolvendo-se com certa problematização. Desse modo, não raras vezes, gera interpretações e opiniões equivocadas, sem o devido aprofundamento.

Ademais, do exagerado número de informações, decorre a indiferença. Como os fatos são noticiados de forma muito rápida, torna-se, nesse caso, praticamente impossível processá-los, sendo necessário ignorar muitos deles, ou até mesmo a sua maioria (LIPOVETSKY, 2005). Tal frenesi impulsiona a sensação de efemeridade, a qual se estende a outros âmbitos: o sucesso é passageiro, e o valor atribuído aos produtos, momentâneo.

Destacamos também a problematização sobre a efemeridade a partir de postulados de Zygmunt Bauman (2009), autor que caracteriza a sociedade pós-moderna como “líquida”. Esse constructo busca gerar reflexões sobre o fato de, hoje, ocorrerem mudanças muito rápidas, que não permitem consolidar modos de ação: “a vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo” (BAUMAN, 2009, p. 7). A partir desse conceito, pensamos que os *escreitores*, acompanhando a dinâmica social, também podem apresentar um comportamento líquido, manifestado em atitudes como dificuldade de dar continuidade a leituras muito extensas, oscilação

de estilos, anseio por novidades editoriais, intercâmbio de mídias, postagens pouco analíticas.

Elucidados esses aspectos, buscamos, na seqüência, discutir sobre o acesso à leitura por meio de suportes digitais.

3 Fomento à leitura com os novos suportes

A abordagem teórica e histórica realizada neste artigo não pode prescindir de uma discussão sobre dados empíricos relacionados à materialidade da leitura. Parece-nos que há, ainda, no Brasil, uma grande discrepância entre o discurso muitas vezes deslumbrado com os novos suportes proporcionados pela tecnologia e a sua concreta utilização pelos leitores. Nesse sentido, aspectos materiais e, principalmente, econômicos que envolvem o acesso à tecnologia são imprescindíveis nesse novo contexto da história da leitura.

Pesquisas realizadas por órgãos governamentais e independentes mostram que os brasileiros ainda não estão satisfatoriamente conectados à internet para poderem usufruir da leitura digital com todas as suas potencialidades. A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, por exemplo, encomendada pelo Instituto Pró Livro ao Ibope, em 2015, e que objetiva “conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, forma, limitações, motivação, representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira”, mostra² que apenas 15% dos leitores compram livros pela internet em livrarias *online*, contra 44% que os adquirem em livrarias físicas. Isso evidencia que a hegemonia ainda é dessas últimas.

Outro dado apontado por essa pesquisa, que entrevistou 5.012 pessoas, revela que somente 47% da amostra acessam a internet no seu tempo livre. Esses números são confirmados, de certo modo, por estudo realizado pela Internet.org³, para a unidade

²http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf Acesso em: 31 de agosto de 2017.

³<https://info.internet.org/pt/> Acesso em: 31 de agosto de 2017.

de inteligência da revista britânica *The Economist*. 70,5 milhões de brasileiros ainda estariam *offline* em 2017, o que colocaria o Brasil no 10º lugar do ranking mundial, estando à frente de países como Índia, China, México, Indonésia, Paquistão e Nigéria. A título de informação adicional, a pesquisa ainda revela que mais da metade da população mundial – 4 bilhões de pessoas – não tem nenhuma forma de acesso à internet.

Outra pesquisa que ilustra os dados nacionais sobre o acesso à internet vem do IBGE⁴, que, em 2015, em sua 11ª edição TIC Domicílios, revelou que apenas 58% da população brasileira usa internet, fato que, em números reais, representaria 102 milhões de internautas. Realizada por meio de entrevistas pessoais em 23.465 domicílios do território nacional, entre novembro de 2015 e junho de 2016, o levantamento de dados assinala que 95% dos respondentes da classe A utilizaram a internet nos três meses que antecederam a pesquisa. A porcentagem de usuários cai para 82% para a classe B, 57% para a C e somente 28% para as D e E. Há, portanto, uma visível discrepância entre as classes sociais no que tange a esse aspecto.

Quando se trata do acesso à internet no espaço escolar, os números são bastante reveladores. No país, também em 2015, dados do Censo Escolar apurados pela plataforma QEd⁵, da Fundação Lemann, revelam que somente 47% das escolas públicas têm banda larga. De um modo geral, os computadores das salas de informática estão obsoletos ou estragados e, quase sempre, a velocidade de navegação é muito baixa. Associado a isso, os computadores conectados à rede são usados apenas para atividades específicas pelas diversas turmas escolares e não para leituras extensas. Apesar de o programa “Banda Larga para Todos” ter sido criado em 2008 pelo Governo Federal, a velocidade é “de aproximadamente, 2,3 megabits por segundo para cada escola. Essa velocidade está longe de ser o ideal para os objetivos do programa

que é conectar todas as escolas com banda larga de qualidade e alta velocidade” (TONELLI; SOUSA; CORADIN, 2016, p.8). O adequado para uso coletivo de banda larga seriam 78 Mbps.

A mesma realidade aplica-se aos locais públicos, como bibliotecas e casas de cultura, onde faltam computadores, a velocidade de navegação é péssima e o acesso a páginas é controlado pelo servidor. No caso das praças, o problema aumenta, em razão da pouca oferta de conexões *wi-fi* e dos riscos de o usuário expor publicamente seu *notebook*, *tablet* ou *smartphone*.

Como se vê, o acesso dos brasileiros à internet, e por meio dela, aos livros e textos, em geral, ainda é uma realidade incipiente, distante do que se poderia considerar ideal do ponto de vista da popularização e/ou democratização dos seus benefícios. As disparidades socioeconômicas aqui já apontadas também se repetem geograficamente. A pesquisa TIC Domicílios⁶ evidencia que as regiões Sudeste e Sul são as únicas que têm o número de domicílios conectados maior do que o de desconectados: respectivamente, 17,4 milhões contra 11,7 milhões, e 5,4 milhões frente a 4,9 milhões. Já as demais regiões têm a proporção inversa: o Nordeste, 7 milhões contra 10,5 milhões; o Centro-Oeste, 2,5 milhões contra 2,7 milhões; e o Norte, 1,9 milhões frente a 3,1 milhões.

Para além desses dados, é necessário levar em conta que a leitura em suporte digital também tem custos que nem sempre podem ser suportados pelo leitor. Planos de internet banda larga têm preços diversos, conforme a operadora e a quantidade de Mbps contratados. Conforme dados da Anatel, o valor médio pago pelos consumidores por 1 Mbps⁷ em

⁶<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acesoainternet2014/default.shtm> Acesso em: 31 de agosto de 2017.

⁷ A título de elucidação, a palavra *bit* é uma “simplificação para dígito binário (*binary digit* em inglês). É a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida. Um bit pode assumir somente dois valores: 0 ou 1.” A medição do volume de dados nas transmissões é feita em bits por unidade de tempo. Assim, respectivamente por segundo, 1 kbps corresponde ao envio ou recepção de 1000 bits, 1 mbps a 1.000.000 e 1 gbps a 1.000.000.000. <http://telecomunicacoesdobrasil.org.br/voce-conectado/dicionario-de-internet-movel/> Acesso em: 31 de agosto de 2017.

⁴<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acesoainternet2014/default.shtm> Acesso em: 31 de agosto de 2017.

⁵<http://www.qedu.org.br/> Acesso em: 31 de agosto de 2017.

2015 era de R\$ 5,98. No entanto, uma busca por planos de banda larga na internet mostra que 1 Mbps, em 2017, para o plano mensal mínimo de 5 Mbps, custa R\$ 8,00, enquanto um de 300 Mbps tem um custo de R\$ 0,81. Ressaltamos que o primeiro plano, embora custe R\$ 39,90 ao mês, tem *download* de 5 Mbps e *upload* de apenas 500 Kbps; já o último custa R\$ 244,90 e possui *download* de 300 Mbps e *upload* de 150 Mbps. A diferença de preço e de desempenho entre um e outro é gigantesca, reservando ao consumidor de baixa renda um serviço pouco eficiente.

Além da banda larga, existem os serviços de internet móvel, disponíveis aos usuários de celulares, *smartphones* e *tablets*. Na modalidade controle, o menor plano, de 1,5 Gbps, custa, em média, R\$ 35,00, e o maior, de 3 Gbps, R\$ 100,00. Já na modalidade pós-paga, o preço varia entre R\$ 80,00 e R\$ 570,00, com 4 Gbps e 30 Gbps, respectivamente⁸. Mais uma vez, considerando o volume de dados que o usuário utiliza diariamente com as redes sociais, *e-mails* e outros serviços, 1,5 Gbps é insuficiente para um leitor de periódicos e de textos *online*, fato que o obriga a contratar um plano maior e mais caro.

Consideradas as informações colhidas até aqui, que se referem ao acesso gratuito e pago à internet fixa e móvel, privada e pública, resta ainda verificar o valor mínimo dos aparelhos que possibilitam a conexão com a rede. Os *smartphones* mais simples custam, em média, R\$ 500,00⁹, mas geralmente possuem baixo armazenamento interno. Ademais, suas telas de 4,5 a 5 polegadas são impróprias para leitura intensiva e extensiva. Já um *tablet*, com *wi-fi*, tela de 7 polegadas e 8 Gb de armazenamento, está disponível a partir de R\$ 220,00. Um *notebook*, por sua vez, pode ser adquirido, com configuração básica de 1 GB de memória RAM e tela de 8,9 polegadas, por R\$ 750,00¹⁰. O computador de mesa tradicional, também

com configuração básica, está disponível por um preço mínimo de R\$ 800,00, sem o monitor, o qual acrescenta em torno de R\$ 300,00 ao produto.

Por último, chegamos ao aparelho desenvolvido especialmente para leitura digital. Trata-se do *e-reader*, que tem um preço inicial R\$ 265,00¹¹. Embora esses equipamentos sejam ideais para leitura, eles exigem fidelidade dos usuários aos seus desenvolvedores, como, por exemplo, a Amazon e a Saraiva. Isso significa que, adquirido o *e-book*, ele não pode ser transferido de uma conta para outra, ou seja, de um leitor para outro, nem mesmo quando se usa apenas o aplicativo das duas empresas em um *tablet* ou *smartphone*.

A conclusão a que se chega analisando todos esses números é que, contrariamente ao suporte tradicional de leitura, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) demandam um investimento inicial bastante significativo para o leitor, pois ele necessita, antes de tudo, pagar para acessar a internet, além de ter de comprar os equipamentos. Somente depois disso, poderá usufruir do *e-book* desejado. Obviamente, ele pode baixar livros gratuitos, a maioria em formato PDF, diretamente da internet, como os que se encontram disponíveis na *Playstore*, no Domínio Público etc. Mas isso constitui apenas um ponto de partida e não de chegada para um leitor que deseja ler lançamentos não disponíveis gratuitamente ou que aprecia também o projeto gráfico de um *e-book*. Geralmente, os textos gratuitos em formato PDF disponíveis na internet, além de não terem bom tratamento gráfico nem adequada revisão textual, são, em sua maioria, clássicos ou obsoletos *best-sellers*, sendo que um bom leitor de livros, na maioria das vezes, busca novidades e acompanha o mercado editorial. Por isso, não é justo condenar o leitor com baixo poder aquisitivo à leitura unicamente de *best-sellers* e clássicos em formato PDF sem tratamento gráfico e padrão textual.

Cremos, enfim, que a democratização e a universalização da leitura ainda são uma realidade distante para a imensa maioria dos brasileiros. As

⁸<https://melhorplano.net/planos-de-celular/resultado?n=1&c=&t=post&i0=1000&m0=> Acesso em: 01 de setembro de 2017.

⁹<https://www.tudocelular.com/especiais/noticias/n58882/Os-melhores-smartphones-ate-R-500--Guia-Tudocelularcom.html> Acesso em 01 de setembro de 2017.

¹⁰<http://www.buscape.com.br/tablet/notebook?precomax=1299.99&precomin=600.0> Acesso em: 01 de setembro de 2017.

¹¹<http://www.buscape.com.br/leitor-de-e-book?precomax=479.99&precomin=140.0> Acesso em: 01 de setembro de 2017.

considerações de Chartier (1992) a respeito dos desdobramentos da invenção da imprensa com tipos móveis, no século XVI, pode ser aplicada às TICs, que também são marcadas pela elitização da leitura digital e pelo consumo de textos com qualidade duvidosa pelos brasileiros de baixa renda. Soma-se a isso o fato de, contrariamente ao material impresso, cuja conservação é mais simples e barata, o leitor ter de arcar com custos de manutenção do seu equipamento eletrônico e, de tempos em tempos, ser obrigado a substituí-lo em razão da sua obsolescência. Ademais, ele não poderá emprestar seu *e-reader* nem trocar ou vender o seu *e-book* após a leitura.

4 Considerações finais

Com as reflexões até aqui efetuadas, concluímos que a emergência de novas mídias e de novos suportes contribui para constituir um leitor diferente: mais ativo, mais dinâmico e mais participativo. Ele tira proveito de potencialidades do ciberespaço, para interagir com os textos e exercer autoria ao recriar e comentar o que foi lido, sendo que esses processos complexos possibilitam-lhe estar em constante (re)constituição subjetiva, além de alterar sua forma de cognição.

Consideramos ainda que as características do leitor atual convergem para as de seu tempo, ou seja, em uma sociedade hipermoderna, cujas relações tendem à liquidez, as leituras podem se tornar mais fragmentadas, curtas e marcadas pela efemeridade e pela superficialidade. Além disso, alguns leitores enfrentam dificuldade para selecionar materiais confiáveis, bem como fontes de pesquisa adequadas, em razão da multiplicidade de ofertas

Destacamos também que as formas de ler, de comentar e de recriar possibilitadas pelo espaço virtual, envolvendo multimodalidades, são capazes de encantar determinados tipos de leitores. Porém, não podemos deixar de considerar que a elitização da leitura continua ocorrendo, já que nem todos têm acesso às interações propiciadas pelo ciberespaço ou às diversas mídias. Esse fator influencia

negativamente a capacidade de os novos suportes gerarem impactos positivos a todos para fomentar a leitura.

Quanto ao livro, percebemos que, devido a questões socioeconômicas, a elite continua sendo privilegiada quanto ao acesso a esse produto cultural. Nesse sentido, a ideia de democratização do livro e da leitura a partir das TIC's ainda precisa ser amplamente discutida, razão pela qual entendemos que políticas de inclusão digital devem ser elaboradas e/ou repensadas, a fim de garantir o acesso da população às textualidades da internet. Um longo caminho ainda há por percorrer, para qualificar e universalizar o consumo de textos e leituras que contribuam para a construção da cidadania e diminuam as históricas diferenças sociais.

Referências

- BAUMAN, Zygmund. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DOMINGOS, Ana Cláudia Munari. *Hiperleitura e escritura* [recurso eletrônico]: convergência digital, Harry Potter, cultura de fã. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.
- MATTOS, Tetê; VEBBER, Rafael; SANTOS, Pedro Henrique Conceição dos. Festivais audiovisuais fluminenses: um mapeamento do setor. In: CASTRO, Flávia Lages de; TELLES, Mário F. de

Pragmácio (orgs.). *Dimensões econômicas da cultura: experiências no campo da economia criativa no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Lumen Juris, 2015.

PELLANDA, Nize Maria Campos. *Leitura digital e complexificação: reflexões sobre a constituição de si*. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 34 n. 56, p. 90-98, jan.-jun., 2009.

TONELLI, Elizangela; SOUZA, Maria Aparecida Silva de; CORADINI, Alef Barbosa. Inclusão digital: acervo e desafios do uso de TIC'S no espaço educacional público. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*. Cajazeiras, v. 1, Ed. Especial, 297 – 306, set/dez. de 2016.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

ARENDETT, João Cláudio; KAODOINSKI, Fabiana. Quanto custa ler um e-book? Reflexões sobre o acesso à leitura na era da hipermodernidade. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 76, mar. 2018. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/10673>>. Acesso em: _____. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v43i76.10673>.